



Copresença e interação em espaços públicos em Arapiraca, Alagoas: a restrição do contato entre indivíduos de grupos sociais diferentes

Copresence and interaction in public open spaces in Arapiraca, Alagoas: the restriction of contact among members of different social groups

Copresencia e interacción en espacios públicos abiertos en Arapiraca, Alagoas: la restricción del contacto entre miembros de diferentes grupos sociales

SANTOS, Laini de Souza¹

SABOYA, Renato Tibiriçá de²

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

laine.souza20@gmail.com

ORCID ID: 0000-0003-1791-4143

² Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

renato.saboya@ufsc.br

ORCID ID: 0000-0003-4631-1413

Recebido em 10/02/2022 Aceito em 25/01/2023



Resumo

A possibilidade de contatos face a face entre pessoas de diferentes grupos sociais, é uma das principais contribuições dos espaços públicos à vida em sociedade e à negociação das diferenças. Entretanto, estudos sobre a segregação socioespacial têm se concentrado mais nos efeitos da localização das residências na restrição do contato entre membros de diferentes grupos sociais do que propriamente no potencial que os espaços públicos como praças possuem para estimular ou dificultar esses contatos. Além disso, os trabalhos que buscam este último objetivo costumam ser de contextos fora do Brasil e se concentram na segregação racial e étnica, e não na socioeconômica. Neste trabalho, analisamos duas praças em Arapiraca, Alagoas, por meio de entrevistas em profundidade, buscando entender como acontecem os contatos entre membros de grupos sociais distintos e, principalmente, como e por que acontece a restrição desse contato. Os resultados mostram que há três categorias de motivos para a restrição de contato: por atributos morfológicos, por atributos socioeconômicos e por atributos individuais.

Palavras-Chave: Espaço público; contatos sociais; segregação urbana; restrição do contato; praças.

Abstract

The establishment of face-to-face contacts between people from different social groups is one of the main contributions of public spaces to life in society and to the mediation of differences. However, studies on socio-spatial segregation have focused primarily on the effects of residential location in restricting contact between members of different social groups, while studies on the potential of public spaces such as squares to stimulate or hinder these contacts are less numerous. Furthermore, works that pursue the latter tend to be from contexts outside of Brazil and focus on racial and ethnic rather than socioeconomic segregation. In this work, we analyze two town squares in Arapiraca, Alagoas, through in-depth interviews, to understand how contacts between members of different social groups happen and, especially, how and why they are restricted or avoided. The results show three categories of reasons for contact restriction: those that occur due to morphological attributes, socioeconomic attributes and individual attributes.

Key-Words: Public spaces; social contacts; urban segregation; restriction of contacts; town squares.

Resumen

La posibilidad de contactos cara a cara entre personas de diferentes grupos sociales es una de las principales contribuciones de los espacios públicos a la vida en sociedad ya la negociación de las diferencias. Sin embargo, los estudios sobre segregación socioespacial se han centrado más en los efectos de la ubicación de las residencias en la restricción del contacto entre miembros de diferentes grupos sociales que en el potencial que tienen los espacios públicos como las plazas para estimular o dificultar estos contactos. Además, los trabajos que persiguen este último objetivo tienden a ser de contextos fuera de Brasil y se centran en la segregación racial y étnica más que en la socioeconómica. En este trabajo, analizamos dos plazas en Arapiraca, Alagoas, a través de entrevistas en profundidad, buscando comprender cómo ocurren los contactos entre miembros de diferentes grupos sociales y, principalmente, cómo y por qué ocurre la restricción de ese contacto. Los resultados muestran que existen tres categorías de motivos de restricción de contacto: los que ocurren por atributos morfológicos, atributos socioeconómicos y atributos individuales.

Palabras clave: Espacios públicos; contactos sociales; segregación urbana; restricción de contactos; plazas.

1. Introdução

A segregação socioespacial se materializa como reflexo da ocupação desigual do espaço por diferentes grupos sociais e, ao mesmo tempo, como reforço dessas diferenças. Até a década de 1950, o espaço urbano era visto como palco das melhores adaptações humanas, um consenso dos sociólogos urbanos da Escola de Chicago (PARK, 1916; MCKENZIE, 1923; BURGESS, 1928). Esses teóricos partiram de explicações generalizadas das cidades americanas, utilizando os conceitos da Ecologia Sociológica e tratando a concentração de grupos sociais em determinadas áreas da cidade como algo natural e reflexo de uma suposta eficiência na alocação de recursos e no atendimento a preferências individuais. A partir da década de 1960, estudiosos movidos pelo método dialético (LEFEBVRE, 2001; HARVEY, 1980; CASTELLS, 1983; LOJKINE, 1997) passaram a considerar o modo de produção, o processo de acumulação do capital e os aspectos inerentes à força de trabalho (MARAFON, 1996) para explicar esse fenômeno, elucidando aspectos da divisão social do espaço sob novos pontos de vista, sobretudo na questão habitacional.

No Brasil, as análises dos modelos de segregação seguiram esse viés por meio da ênfase na exclusão social (KOWARICK, 1979), na lógica da produção de moradias (ROLNIK, 1989; RIBEIRO, 1997), no preço do solo urbano (MARICATO, 1997, 2014), nas distâncias físicas influenciadas pelos aspectos econômicos que, conseqüentemente, interferem na localização de residências entre classes sociais diferentes (VILLAÇA, 2001, CALDEIRA; 2011; SUGAI, 2015), no reforço dos padrões de segregação por meio das ações do Estado (VETTER e MASSENA, 1975), nas condições de pobreza e sociabilidade (MARQUES, 2005) e em redes sociais e mobilidade (NETTO, 2014), entre outros aspectos.

Com a consolidação dos estudos sobre o tema, diversos efeitos da segregação socioespacial foram identificados. As pesquisas brasileiras, em especial, estão voltadas às metrópoles e denunciam que a segregação, como forma de consumo desigual entre as classes sociais, provoca dificuldades de acesso a equipamentos, serviços e infraestrutura pública (VARGAS, 2005); exposição à violência (CALDEIRA, 2011); diferenças salariais e redução de oportunidades de empregos (CUNHA; JAKOB, 2010); preconceito e discriminação (RODRIGUES, 2007); e falta de estímulo a programas socioculturais, da saúde e da educação (MAAS et al., 2019).

A segregação socioespacial, entendida como restrição da interação no espaço entre grupos sociais distintos, está associada também ao isolamento (MARQUES, 2005) e à evitação social (KOWARICK 2004). Os estudos sobre essa restrição costumam aparecer em um contexto de investigação relacionado à localização habitacional, que promove limitações no uso e vivência do espaço a partir da criação de distâncias e dificuldades ao estabelecimento em relações sociais e de contatos entre estratos sociais diferentes localizados em áreas crescentemente isoladas entre si. Assim, dificilmente exploram as limitações das relações de interação de contato social entre grupos sociais que ocupam espaços semelhantes, como por exemplo, os espaços públicos.

Sob uma perspectiva mais teórica, Freeman (1978) propôs um índice para medir as limitações desse contato nos estudos sobre segregação, contrastando os contatos efetivamente realizados entre dois ou mais grupos com o conjunto total dos contatos esperados em uma situação de não segregação. Mais recentemente, no Brasil, Netto (2014) concentrou seus estudos na restrição da interação a partir das questões de mobilidade dos agentes nos espaços, focando-se nos corpos como condições cotidianas para a formação do contato social e restrição entre indivíduos socialmente distintos. Esses estudos apresentam resultados que agregam no entendimento da segregação como a ausência da interação entre grupos socialmente distintos e permitem conceber questões de análise para além dos aspectos

relativos estritamente à localização residencial, incluindo as relações sociais que são facilitadas ou tornadas mais improváveis em espaços públicos. Entretanto, estudos focados no contato (ou sua restrição) entre grupos sociais diferentes em espaços públicos como praças ainda são raros, apesar da importância que esses espaços possuem para a sociabilidade nas cidades, de forma geral. Os existentes costumam concentrar-se na segregação racial e étnica (ver, por exemplo, Cattel et al., 2008 e Priest et al., 2014), em oposição à segregação por aspectos socioeconômicos.

O avanço no entendimento da restrição do contato em espaços públicos de convívio pode nos auxiliar a entender como a “segregação molda as relações sociais entre os grupos, impondo a distância social e a invisibilização do diferente” (NETTO, 2014, p.45). Progredir no entendimento sobre o desenvolvimento e funcionamento dessas relações sociais e, especificamente, como são restritas no espaço, pode ajudar a aprimorar propostas de políticas de planejamento e desenho urbano, bem como a elaborar projetos com ações de melhorias nas trocas de informações e desempenho de atividades que proporcionem um espaço público que promova possibilidade de contato entre grupos socialmente diferentes e o decorrente enriquecimento das experiências de uso e fruição da cidade.

Sendo assim, este trabalho investigou a copresença, os contatos sociais e suas restrições nas praças Pereira Magalhães e Coronel José Alves, situadas em duas áreas socioeconomicamente distintas na cidade de Arapiraca, interior do estado de Alagoas. A investigação centrou-se na relação entre os aspectos morfológicos das praças e os aspectos socioeconômicos e individuais dos seus usuários. Em ambas as áreas, aplicamos uma pesquisa de campo com viés quantitativo e qualitativo visando compreender como acontecem os contatos sociais, como e em que condições eles são restringidos entre grupos sociais diferentes e as possíveis relações desses fenômenos com aspectos socioespaciais, socioeconômicos e individuais de seus usuários.

2. A restrição do contato em espaços públicos

Embora seja a forma mais básica de segregação (FREEMAN, 1978), os estudos que consideram a restrição do contato de modo explícito são relativamente recentes quando comparados às abordagens que enfatizam condições espaciais de distância e separação como, por exemplo, os estudos clássicos de Duncan e Duncan (1955) e Massey e Denton (1988), bem como de Villaça (2001), no Brasil. Considerar as limitações das interações sociais (FREEMAN, 1978; NETTO, 2014) na constituição das relações entre grupos sociais distintos permite ampliar o repertório de análise para outras áreas das cidades, distanciando-se do contexto exclusivamente residencial comumente utilizado na ampla maioria dos estudos existentes.

Por essa perspectiva, as condições de restrição do contato ocorrem em todo o tecido das cidades, afetando sua estrutura de sociabilidade (NETTO, 2014). Em espaços públicos, apresenta-se a partir de dois cenários: o primeiro relacionado às limitações da apropriação (em estar presente - copresença), que se materializa nas possibilidades ou não do encontro dos corpos (NETTO, 2014) devido às restrições concretas de cada espaço; e o segundo concernente à abertura para interação ou engajamento entre indivíduos que se colocam ou não à disposição de um contato, mediante a necessidade de compartilhamento do repertório social que possuem e ao contexto socioeconômico e cultural ao qual pertencem.

Sobre o primeiro cenário, Holanda (2010) pontua que grupos sociais apresentam maneiras diferentes de se organizar no espaço. Nesse sentido, as propriedades configuracionais que atuam na produção dos encontros interferem diretamente na constituição das relações entre os grupos. Por uma ótica sociológica, Giddens (2008) endossa que esses encontros são o fio condutor do contato social e

possuem propriedades sistemáticas que podem ser entendidas por duas características: uma de abertura e encerramento e a outra de alternância. Essas propriedades agem na forma de abrir possibilidades para a interação, uma vez que se referem à posição do corpo de um indivíduo em relação ao outro. Para Giddens (2008), a importância do posicionamento dos corpos está estreitamente ligada ao nível de distanciamento espaço-temporal das totalidades sociais. A partir disso, há um panorama favorável de contato ou de sua restrição, pois o contexto em que cada indivíduo está envolvido condiciona, em grande medida, a apropriação de espaços “condizentes” com o grupo social do qual faz parte.

Na práxis cotidiana, a falta de encontros no espaço entre grupos diferentes é típica na sociedade brasileira, fato que se manifesta em exemplos concretos no funcionamento das relações sociais. O censo do IBGE de 2010 mostrou que mais de 70% da população se casa com pessoas semelhantes, nos âmbitos de classe social, cor e escolaridade (IBGE, 2010). Obviamente, tal constatação envolve muitas outras considerações, mas não há como desassociar o efeito da apropriação do espaço na materialização dessas relações ao longo do tempo, pois “no interior da rede de campo ou classe, linhas de ação dos atores, tendem a entrelaçar-se menos ou mais frequentemente, devido às suas disposições e às situações sociais compartilhadas localmente.” (NETTO, 2014, p. 59).

Por consequência, o cenário de abertura de engajamento apresenta relação direta com as propriedades configuracionais do espaço que, neste caso, promove o cruzamento espacial entre os grupos e, por isso, alimenta a condição básica para esse possível engajamento: a copresença. No entanto, ele só acontece a partir da necessidade ou predisposição de compartilhamento de contato de cada indivíduo, seja entre grupos sociais diferentes ou homogêneos, caracterizando-se como outra propriedade da restrição do contato, a qual chamamos, neste trabalho, de evitação social entre os que se cruzam.

Quando materializado no espaço, esse modo de evitação cria situações e conjuntos de ações que tendem a tornar “invisíveis” os indivíduos de grupos sociais diferentes (NETTO, 2014), mesmo que eles frequentem o mesmo espaço. Os estudos de Goffman (2011) explicam essa condição ao demonstrar que as formas de interação social contínuas e sólidas na atualidade só ocorrem a partir de relações preexistentes, as quais são estruturadas pelos posicionamentos sociais dos indivíduos envolvidos. Esses posicionamentos, por sua vez, delineiam modos de comportamentos e, conseqüentemente, indicam condições de iniciar uma interação ou, ao contrário, podem sugerir que é mais adequado evitá-la em cada situação concreta.

Goffman (2010) investigou as dimensões de uma restrição por meio de propriedades situacionais envolvendo indivíduos que se conhecem e os que não se conhecem. Na primeira situação, Goffman (2010) esclarece que há essa restrição quando os indivíduos não estabelecem um reconhecimento mútuo de caráter cognitivo e social, embora se conheçam. Quando não existe nenhuma forma desse reconhecimento, há automaticamente restrições de iniciar ou estender o engajamento, pois é muito difícil os indivíduos se sentirem confortáveis na conversa. Já as restrições entre indivíduos que não se conhecem acontecem quando não há nenhuma motivação específica para início da conversa; entretanto, quando isso ocorre e um dos lados não se sente confortável, é comum realizar o que Goffman (2010) chamou de “contorção final” em que se volta a atenção para outras situações, pessoas, objetos e ações, ignorando o contato.

A análise dessas restrições no dia a dia de grupos sociais diferentes nas formas de interação social pode indicar como essas diferenças são espacializadas, bem como quais são suas motivações e subordinações. Isso, por sua vez, pode nos ajudar a pensar espaços em diferentes escalas que

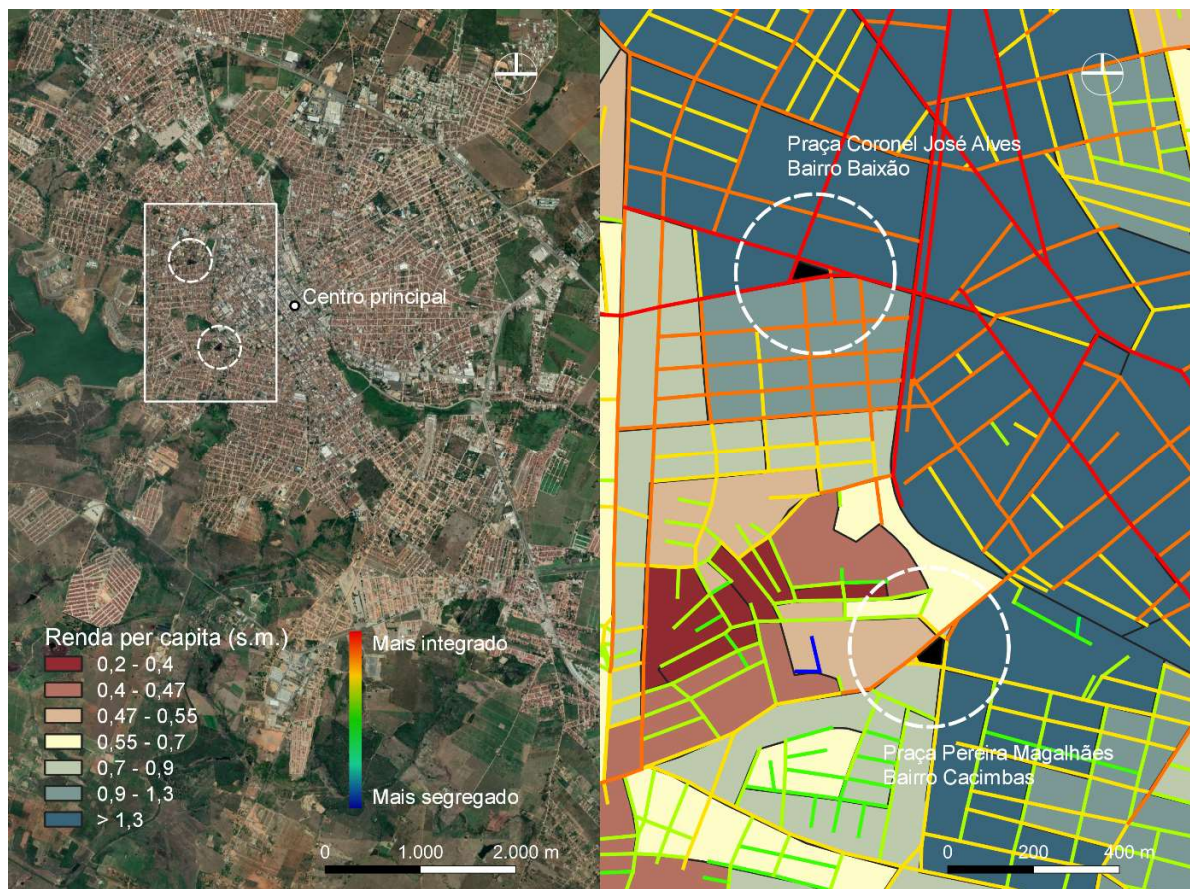
facilitem a copresença e a interação entre membros de diferentes grupos sociais, contribuindo para a construção de tolerância e entendimento mútuo entre eles.

3. Método

Adotamos como recorte espacial a cidade de Arapiraca, localizada no interior do estado de Alagoas. A cidade está a 135 km de distância da capital Maceió e possui 230.417 habitantes, distribuídos numa área de 600,00 Km², de acordo com o IBGE (2010). Para a pesquisa, consideramos apenas a sua zona urbana, que está subdividida em 38 bairros. Como critério de exclusão, não trabalhamos com o Centro da cidade, que possui dinâmicas que dificultariam o estudo da restrição do contato associado à localização das residências e de seus espaços públicos adjacentes.

Para a escolha das duas praças a serem incluídas no estudo, cruzamos dados de renda do Censo IBGE (2010) com medidas de integração da Sintaxe Espacial para identificar duas áreas com posições semelhantes no tecido, mas com diversidades de renda diferentes. A posição no tecido foi determinada por meio da medida de integração global, que mede o quão próximo ou distante um espaço está, em média, de todos os outros. Dessa forma, evitamos comparar uma praça em região central com outra em região periférica, comparando assim duas praças com níveis de integração semelhantes e, portanto, com níveis semelhantes de potencial de movimentação e encontros causadas pela configuração da malha urbana (HILLIER et al., 1993; HILLIER; IIDA, 2005). A figura 1 apresenta a relação entre as áreas.

Figura 1: Escolha das áreas – bairro Baixão e bairro Cacimbas.



Fonte: Desenvolvido pelos autores a partir de dados do IBGE (2010) e mapa axial elaborado por Daniel Paim.

Em seguida, mapeamos todas as praças dessas áreas, a partir do critério de não se situarem dentro de conjuntos habitacionais ou condomínios, para facilitar o uso por indivíduos diversos. A área 1 corresponde ao bairro Baixão, que possui renda média maior e menor variação nos valores de renda dos setores censitários do entorno. Sua praça escolhida chama-se Coronel José Alves e é a única do bairro. A área 2, por sua vez, compreende o bairro Cacimbas e apresenta menor renda média e maior amplitude de valores de renda dos setores vizinhos. O bairro dispõe de três praças, mas a única que apresenta características semelhantes em termos de integração global à da praça anterior é a praça Pereira Magalhães.

A partir da definição desses espaços, examinamos suas formas urbanas para determinar a influência na restrição do contato entre grupos sociais diferentes. Esse processo seguiu uma abordagem multimétodos de naturezas quantitativa (questionário fechado) e qualitativa (mapeamento centrado no espaço e aplicação de entrevistas semiestruturadas).

O procedimento de viés quantitativo realizado foi um questionário fechado que teve como objetivo identificar os tipos de relações estabelecidas nas praças e caracterizar o perfil dos usuários. Esse instrumento apresentou 13 perguntas fechadas sobre gênero, idade, estado civil, profissão, escolaridade, local de residência e meio de transporte utilizado para chegar até a praça, com vistas a estabelecer quem são eles, se são diferentes ou semelhantes nas dimensões sociais e econômicas e, por fim, como e por que utilizam as praças. Ao todo, foram 220 respondentes na praça Coronel José Alves e 295 na Praça Pereira Magalhães.

Os procedimentos qualitativos, por sua vez, buscaram aprofundar os dados coletados nos questionários por meio de uma análise mais cuidadosa do comportamento no espaço, entrevistas com os usuários, aprofundamento do entendimento sobre as relações estabelecidas e identificação das possíveis restrições. Eles envolveram as seguintes atividades:

- Análise dos atributos espaciais das praças, por meio do levantamento da distribuição dos usos do solo do entorno e dos usos internos a elas;
- Análise do funcionamento dos usos e apropriações nas praças com a realização de um mapeamento comportamental centrado no espaço. A aplicação desse instrumento ocorreu em duas fases em cada praça, nas quais foi possível reforçar o entendimento sobre os principais fluxos mediante a identificação dos espaços mais utilizados no interior, de acordo com gênero, e aprofundar o conhecimento sobre as relações estabelecidas. Foram estudados o formato e posição dos principais espaços de lazer, massas de vegetação e canteiros em geral, mobiliário, quiosques e posição dos caminhos e passeios, bem como suas relações com o tecido do entorno;
- Identificação de possíveis restrições aos contatos sociais aplicando entrevistas semiestruturadas. Esse instrumento foi desenvolvido com 15 perguntas que versavam sobre a caracterização dos sujeitos, ações e atitudes que auxiliam o contato social, bem como sua restrição, o grau e os motivos dessa restrição e as características das praças que reforçam o contato e sua restrição.

Foram feitas 40 entrevistas, 20 em cada praça, sendo 10 usuários femininos e 10 usuários masculinos, com idades acima de 18 anos. O procedimento foi gravado em áudio e recebeu aprovação do comitê de ética da instituição em que foi realizado. O tratamento dos dados dessas entrevistas se deu por meio do conjunto de técnicas chamado de Análise de Conteúdo (AC). Segundo Bardin (2011), a AC busca analisar aportes das comunicações, a partir de uma perspectiva sistemática de procedimentos,



sejam eles quantitativos ou não. Câmara (2013, p.182) reforça que, nessa análise, “o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração”. Partindo desse princípio, destacamos trechos com palavras-chaves que posteriormente nos permitiram agrupá-los e fazer emergir as categorias de análise das falas dos entrevistados, que então foram utilizadas para estruturar a seção de resultados.

Neste artigo, por questões de espaço, concentramo-nos na apresentação e discussão dos resultados das entrevistas, utilizando as etapas anteriores apenas para uma caracterização geral e contextualização das áreas de estudo.

4. Resultados

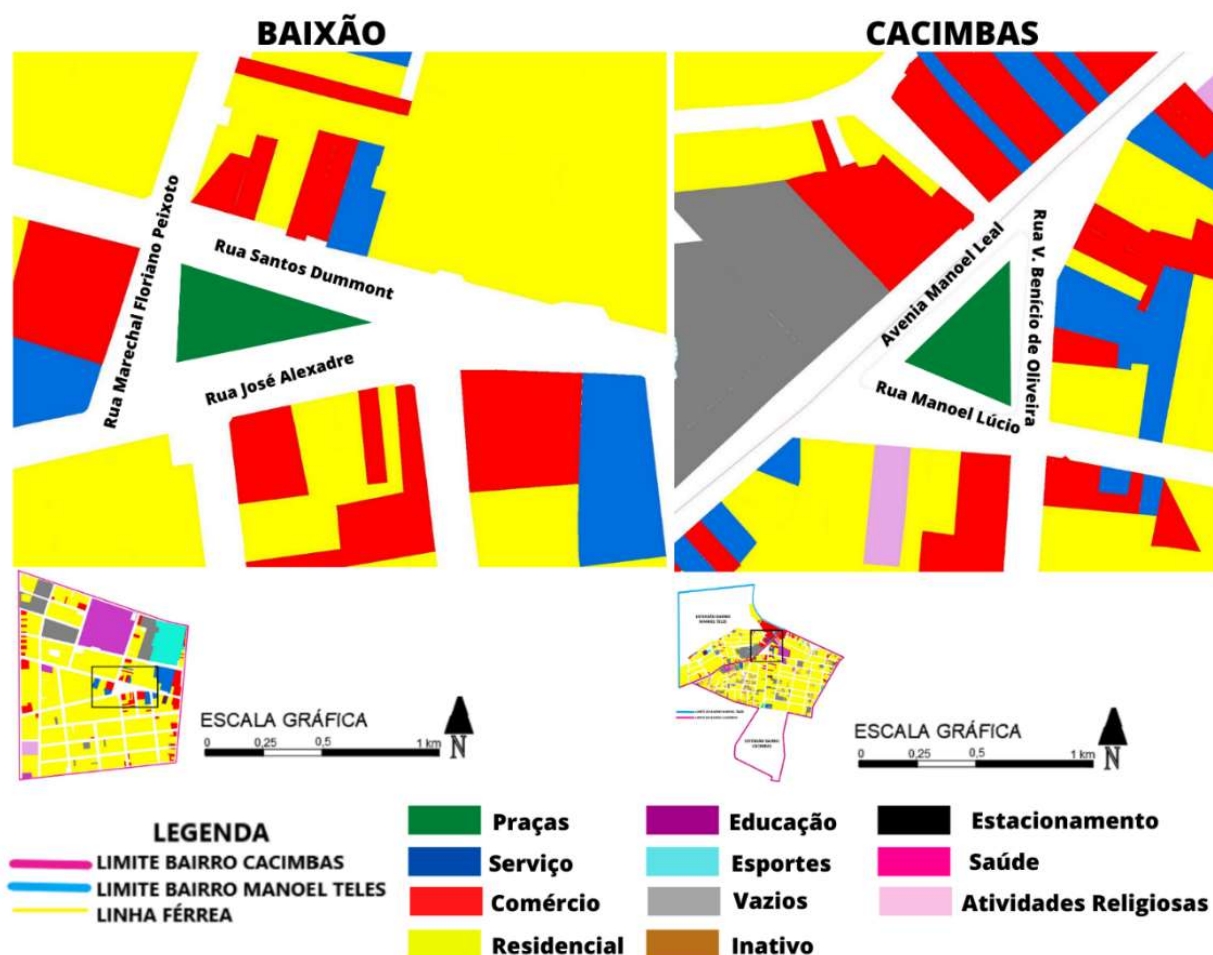
Os resultados foram agrupados em três categorias explicativas, derivadas dos resultados das entrevistas: contato restrito por atributos morfológicos, contato restrito por atributos socioeconômicos e contato restrito por atributos individuais. Antes de descrevê-los e comentá-los, porém, fazemos uma breve caracterização das praças.

4.1 As praças: contatos e apropriação

A origem das praças Coronel José Alves (bairro Baixão) e Pereira Magalhães (bairro Cacimbas) se deu na década de 1970, quando a cidade de Arapiraca apresentava seu principal momento histórico de crescimento populacional e econômico. Mais tarde, as praças estruturaram o desenvolvimento de cada bairro por possibilitar as principais rotas entre eles e o Centro da cidade.

O bairro Baixão, da praça Coronel José Alves, apresenta uma forte incidência de usos mais gerais, destinados a atender à população de toda a cidade, bem como municípios vizinhos, como hospitais, unidades de órgãos profissionais, lojas de decoração, empresas privadas, farmácia de manipulação e atividades de esporte, pois no bairro se situa o estádio municipal Coaracy da Mata Fonseca. Já o bairro Cacimbas, da praça Pereira Magalhães, concentra atividades destinadas a atender à demanda da população local, como mercados de pequeno porte, lanchonetes, padarias e salão de beleza, entre outros. A figura 2 apresenta a distribuição de usos do solo no entorno imediato das praças.

Figura 2: Uso e distribuição do solo dos bairros Baixão (à esquerda) e Cacimbas (à direita)



Fonte: Desenvolvido pelos autores a partir dos dados da Prefeitura Municipal de Arapiraca (2019)

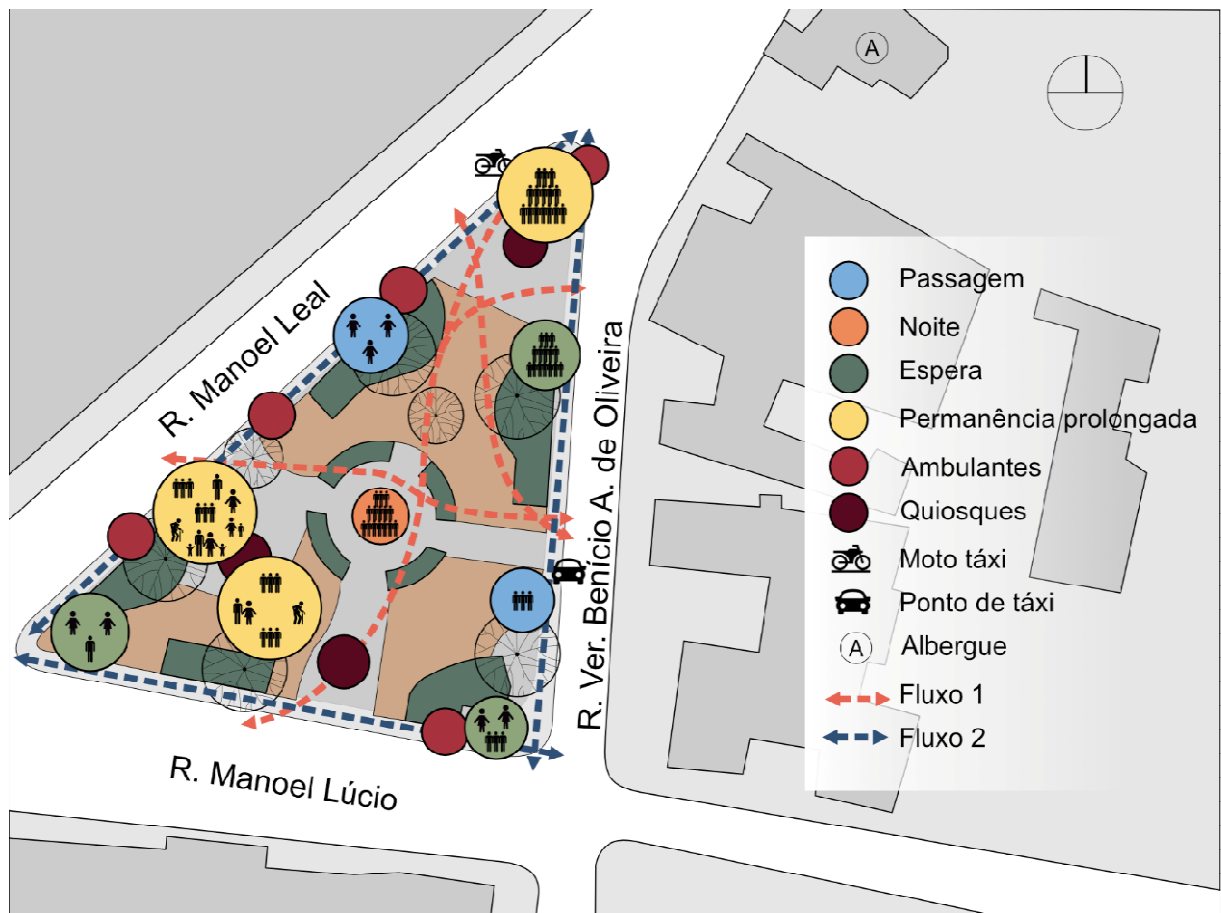
Em relação aos usos internos, a praça Coronel José Alves é utilizada diariamente para atividades de lazer por dispor de uma boa estrutura com bancos, árvores e um brinquedo infantil. Não apresenta nenhum uso de alimentação em seu interior, porque não dispõe de equipamentos necessários e não sustenta o comércio de vendas informais. Já a praça Pereira Magalhães é utilizada diariamente para diversas atividades recreativas, religiosas e educacionais, lazer, comércio e alimentação, por dispor de quiosques em seu perímetro. No entorno da praça, destacam-se ainda atividades informais, que recebem diariamente camelôs para vendas de frutas, verduras e lanches rápidos, como sanduíches e sucos.

Os dados coletados na praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, demonstram uma semelhança socioeconômica entre os gêneros feminino e masculino, classificados de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade social. Já a maioria (72%) dos usuários da praça Coronel José Alves, do bairro Baixão (de renda média maior e entorno mais homogêneo), apresentam semelhança socioeconômica

e estão classificados entre baixa e média renda, portanto maior que os todos os usuários da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas. Entre as diferenças mais relevantes, é possível identificar que os usuários da praça Coronel José Alves dispõem de um nível educacional maior, profissões diferenciadas, residem em bairros com condições socioeconômicas semelhantes e até maiores que a média do bairro em que se encontram, e possuem meios de transporte, como carro e moto, que utilizam para chegar até a praça.

A partir desse reconhecimento, identificamos a apropriação por esses usuários em cada praça. A figura 3 apresenta os dados da praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, de renda média menor e entorno mais heterogêneo socioeconomicamente.

Figura 3: Mapeamento comportamental da praça Pereira Magalhães¹



Fonte: Desenvolvido pelos autores (2019).

O setor amarelo corresponde aos locais mais utilizados por seus usuários. É comum durante todas as horas do dia a permanência prolongada tanto de homens como mulheres, sejam eles em grupo ou sozinhos, estabelecendo algum tipo de contato. No setor verde, por sua vez, encontramos também uma alta frequência de uso por ambos os gêneros, no entanto, são para ações mais passageiras, como por exemplo a espera de um ônibus, táxi ou moto táxi. Já o setor azul corresponde a uma área

¹ Sítio localizado na zona rural de Arapiraca, distante 5 Km da praça Pereira Magalhães.

de passagem e é muito difícil algum usuário se estabelecer nele sem algum objetivo específico. Por fim, o setor laranja se classifica como permanência prolongada. No entanto, sua utilização é bastante específica, sendo apropriado apenas após as 17h por homens e mulheres que são membros de um albergue coletivo que se localiza nas adjacências da praça. Nesse horário, os ocupantes que chegam para passar a noite no abrigo ficam nesse local até a abertura da instituição, às 18h. Por isso, o chamamos de setor noite.

O mapeamento da praça Coronel José Alves, do bairro Baixão, mostrado na figura 4, apresenta os mesmos setores da outra praça.

Figura 4: Mapeamento comportamental da praça Coronel José Alves



Fonte: Desenvolvido pelos autores (2019).

No entanto, os setores de permanência prolongada (amarelo) equivalem às laterais da praça e se consolidam como espaços mais utilizados, devido às sombras propiciadas pelas árvores em cada local. É perceptível a predominância das relações de contato entre os dois gêneros em todos os horários observados, especialmente dos idosos que se reúnem nos períodos da manhã e tarde e conversam durante horas. Já os setores de espera (verde) apresentam uma rotatividade de usos pelos dois gêneros, aparentando tratar-se de usuários que utilizam a praça antes e após o trabalho. Os setores de passagem (azul), como o próprio nome sugere, compreendem apenas atos rápidos e é comum a presença dos dois gêneros em todas as delimitações dessas áreas. Finalmente, o setor Noite (laranja) é ocupado essencialmente por estudantes do colégio estadual Quintela Cavalcante. De um

lado, há a permanência de um grupo com homens e mulheres em constante conversa, no outro ficam casais que só interagem entre si. É um grupo totalmente homogêneo que raramente conversa com pessoas de perfis diferentes, quando estas se fazem presentes também nesse setor.

Após essa breve caracterização, os próximos itens discutirão o estabelecimento das relações e restrições, obedecendo à categorização que emergiu das entrevistas.

4.2 Contato restrito por atributos morfológicos

Entender como o espaço e seus atributos morfológicos atuam na restrição do contato entre grupos socioeconômicos distintos é o foco desta categoria. Conforme apresentado no mapeamento comportamental, a praça Pereira Magalhães, do bairro Cacimbas, apresenta alguns espaços mais utilizados e outros apropriados com menor frequência. Ao longo das entrevistas, encontramos uma semelhança nas respostas dos participantes em se recusar a fazer uso do centro da praça, local de baixa visibilidade em razão da vegetação arbustiva que interrompe os visuais a partir da maior parte do perímetro da praça, conforme apresentado na figura 5.

Figura 5: Vista da Praça Pereira Magalhães superior, apresentando a baixa visibilidade do seu centro



Fonte: Google Earth (2022) e autores (2019).

Devido a essa característica, é uma área utilizada pelos membros do albergue coletivo (setor Noite –

laranja – do mapeamento comportamental) localizado no entorno da praça. Conforme as respostas, esse setor é evitado porque é considerado ponto de drogas, então quem não quer ser “taxado como usuário” dificilmente o utiliza. Todos os entrevistados aconselharam não utilizar o setor durante a noite. A baixa visibilidade também aumenta a sensação de insegurança, desincentivando seu uso.

Fica claro, portanto, que há uma associação subjetiva, mas poderosa, entre um espaço e seus usuários, a ponto de diretamente influenciar comportamentos de evitação social. O “lugar dos outros” é evitado porque pode me fazer ser percebido como o outro, e isso é indesejado. O espaço físico e o “outro” estão tão intrinsecamente ligados que se confundem como uma coisa só quando os usuários articulam as justificativas para essa evitação. Neste caso, a rejeição passa a ser de ambos, tanto do espaço como da pessoa que se apropria dele.

Eu não te aconselho a ficar ali depois das seis da noite, porque é perigoso, tem gente de todo tipo [...] Gente das drogas, dos roubos, da bebida, ah, você sabe, gente diferente da gente [...] quando preciso ficar aqui na lanchonete à noite, eu fico sempre com medo, mesmo que meu pai fique também [...] [Sexta entrevistada, 22 anos, estudante, moradora do bairro Santa Esmeralda – Grifo nosso]

4.3 Contato Restrito por atributos socioeconômicos

Nesta categoria analisamos como a posição socioeconômica dos entrevistados interferia na formação, efetivação e restrição das relações de contato social com outros indivíduos de perfis sociais semelhantes e diferentes nas praças estudadas.

No primeiro caso, alguns entrevistados da praça Pereira Magalhães, de entorno mais heterogêneo socioeconomicamente, relataram que passaram por algumas situações de restrições por fatores socioeconômicos, mas que também se configuram pelos fatores espaciais. São adolescentes, estudantes e residentes de localidades estigmatizadas que acreditam que residir nesses locais interfere no progresso das relações difundidas nas praças, como namoro e oportunidades de emprego. Abaixo destacamos alguns exemplos de como eles descrevem essas restrições.

Aqui na praça eu converso com minhas amigas e conhecidas, enquanto espero o ônibus [...] **já fiz amizade aqui que quase deu namoro, só que ele não quis ir lá para o Pau Ferro² e terminamos [...]** Mês passado conversei com a moça da lanchonete para trabalhar, mas como preciso voltar para casa à noite, tinha que sair mais cedo e ela não aceitou [...] Não vejo a hora de sair do Pau Ferro, acabo perdendo muita coisa por morar lá, tanto amizade como oportunidades [...]. [Segunda entrevistada, 18 anos, estudante, moradora da Vila Pau Ferro, Arapiraca-AL. Grifos nossos].

Eu converso com gente conhecida e de fora, a gente conhece pelo Facebook e Instagram e marca de encontrar aqui depois da escola [...] **só que já teve duas vezes que conversando, aqui mesmo na praça, e eu digo que sou do Brisa³, aí a pessoa já muda [...]** eu acho que isso ocorre porque ninguém quer namorar e ir à noite para lá, sabe? É perigoso [...] uma dessas pessoas era mais do que eu [*possuía condições socioeconômicas diferentes, neste caso, melhores*] aí eu acho que morar lá no Brisa complica nessa parte de namoro, não só na praça, mas no geral. [Primeira entrevistada, 18 anos, estudante, moradora do bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos, que compreende o Conjunto Habitacional Brisa do Lago. Grifos nossos].

² Sítio localizado na zona rural de Arapiraca, distante 5 Km da praça Pereira Magalhães.

³ Brisa do Lago é o primeiro conjunto habitacional de Arapiraca construído pelo programa Minha Casa Minha Vida em 2010 para abrigar mais de 2.000 famílias de baixa renda. Localiza-se no bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos, a 3 Km da praça Pereira Magalhães.

Semelhantemente à outra praça, alguns usuários da praça Coronel José Alves reforçaram o discurso da restrição pela sua procedência habitacional. São também estudantes, residentes do Residencial Jardim das Paineras,⁴ situado no bairro Senador Nilo Coelho, vizinho ao bairro Baixão, que tiveram alguma relação limitada devido ao estereótipo que os moradores do residencial carregam.

[...] Você está vendo, eu uso sempre essas roupas, para mim é normal, mas sempre me olham diferente e me julgam por isso. Já me disseram assim: **só pode ser das Paineiras mesmo** [...] É que todo mundo que fica aqui sabe de onde os estudantes são, ou das Paineras ou do Zélia [...] **Pessoas com mais condições que nós** [ela se refere a ela e também ao grupo que contava com mais 5 meninas] **nunca quer nada sério com a gente, pensa que porque somos de lá, é mais fácil ficar e deixar** [...] [Nona entrevistada, 20 anos, estudante, moradora do bairro Zélia Barbosa. Grifos nossos]

Eu acredito que o **fato de ser eu não ajuda muito** [...] Sabe a música do Criolo, que ele diz que as pessoas passam e se olham e não falam, e usam a desculpa que nem Cristo agradou, é isso mesmo, só que isso só acontece porque **eu moro no Jardim das Paineiras, ando com essas roupas, não tenho dinheiro e vivo sempre assim. Ninguém de fora conversa com gente como eu, porque sabe logo de onde eu sou, até gente do mesmo bairro que mora mais para cima** [...] [Décimo terceiro entrevistado, 18 anos, estudante, morador do bairro Senador Nilo Coelho, no residencial Jardim das Paineras. Grifos nossos].

Os discursos dos estudantes de ambas as praças se estenderam a outras dimensões, além das relações restritas de conversa. Quando provocados a explicar melhor as situações relatadas, eles incluíram aspectos de restrição devido à pobreza da família, que automaticamente os coloca em condições escassas de consumo, como roupas, alimentação e estudos. Pela fala dos estudantes, é como se eles refletissem esses fatores em sua aparência. Ou seja, houve a formação do contato e depois a restrição, sendo que essa restrição sofre influência parcial do espaço, ainda que indireta. Não é o espaço da praça em si, nem mesmo sua posição na malha ou o quão acessível ela é a grupos diferentes, mas o espaço de proveniência das pessoas, evidenciando as restrições diariamente impostas a elas. Não se trata apenas do contato de relacionamento, mas de oportunidades de crescimento, como a busca de emprego, estudos e lazer.

No segundo caso, a restrição ocorre por pessoas que optam em não manter contato. Geralmente, são homens e mulheres de classe média que trabalham no entorno da praça, mas se sentem incomodados em responder ou iniciar qualquer relação com outras pessoas que também frequentam a praça, classificados como diferentes ou de baixa renda. Uma estudante, por exemplo, citou que evita permanecer no mesmo setor que outros estudantes, devido ao conhecimento dela sobre a procedência dessas pessoas, mais precisamente moradores do Residencial Jardim das Paineras. A estudante também reside nesse conjunto e, quando indagada sobre isso, reforçou a preferência em se manter distante, especialmente quando está em outros bairros com maior visibilidade.

A gente costuma ficar em todos os locais aqui na praça, só que tem vezes que tem um pessoal conhecido nosso, que está perto e a gente se afasta, porque já temos uma fama ruim, só que a gente não faz nada, mas tem alguns que fazem e eu conheço quem são [...] É ruim pensar assim, mas eu conheço a maioria, e eu não confio e prefiro ficar aqui mais distante e nunca por ali. [Oitava entrevistada, 18 anos, estudante, moradora do bairro Senador Nilo Coelho, no conjunto habitacional Jardim das Paineras – Grifo nosso].

⁴Esse residencial foi criado em 2000 para abrigar famílias removidas de algumas favelas do centro de Arapiraca. Atualmente comporta mais de 500 famílias de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade social que fazem uso de equipamentos educacionais, de lazer, comércio e serviços mais gerais do bairro Baixão.

As falas de outros dois entrevistados da praça Coronel José Alves, transcritas abaixo, endossam, pela perspectiva do outro lado, as falas dos estudantes citados anteriormente e indicam como esse modelo de restrição acontece.

Aqui na praça eu já conversei com alguém desconhecido, mas são conversas sem importância, tanto para mim, como para a outra pessoa, pelo menos que eu me lembro. **Só que claro que eu se estou aqui sentada e chega um homem ou uma mulher com aparência estranha eu não dou atenção [...] Já chegou gente assim, ainda bem que estava acompanhada e logo me retirei [...] Não cheguei a ter contato nenhum [...]. Eu acho que era da turminha lá de cima [referindo-se ao residencial Jardim das Paineiras].** [Sétima entrevistada, 36 anos, Advogada, residente no bairro Baixão. Grifos nossos]

Aqui na praça fica todo tipo de gente, em todos os horários, já conversei sim com algumas pessoas, mas nada demais, são conversas com alguns que me pediram informação de hora, conversas banais, e eu respondo [...] **são pessoas que dá para conversar [...]** isso ocorre quando estou na pausa do trabalho, porque quando eu saio, que é quase à noite, eu não falo com ninguém, porque ficam algumas pessoas ali que dão receio. **Se eu vejo essas pessoas, eu dificilmente vou conversar com eles como converso com um aposentado que fica sempre aqui [...]** [Décimo sétimo entrevistado, 29 anos, Enfermeiro, residente no Centro de Arapiraca. Grifos nossos].

Já na praça Pereira Magalhães, a fala de outro entrevistado demonstra que, além da condição social definir questões de comunicação, influencia também nas questões de relacionamento citadas anteriormente pelos alunos desse mesmo espaço. Quando provocado a explicar melhor a situação, ele desconversa, mas deixa subentendido que não quis prolongar o relacionamento por várias razões, dentre elas a condição da outra pessoa.

Afetar relacionamento, hoje em dia tudo afeta [...] Eu me reúno com meus funcionários aqui, aí eu acho que afeta, porque estou falando com eles que trabalham para mim [...] **Com outras pessoas eu já falei, me relacionei, mas não deu muito certo por incompatibilidade de locais de residência dos dois [...]** e tem outras coisas comuns das pessoas mesmo que precisa estar em sintonia com outra pessoa para ter algo [...] eu ainda estudo, trabalho muito, para ter alguém que não tem isso complica ter relacionamento, **geralmente as meninas daqui não têm isso, aí não dá** [Décimo oitavo entrevistado, 26 anos, Engenheiro Civil, residente no Centro de Arapiraca-AL. Grifos nossos].

Outra entrevistada ressaltou o aspecto da idade como um outro fator de restrição do contato entre diferentes:

Eu conheço muita gente que usa a praça pela manhã, porque vai não vai eu estou por aqui, esperando carona no ônibus, e também tem muita gente lá do Brisa, aí a gente se conhece e fala, dá um bom dia, fala de muitas coisas [...] **tem gente de outros locais sim por aqui, nunca falta gente nessa praça, pode ver aí os estudantes, o pessoal ali jogando, só que é difícil eles falarem comigo, mas pode ver que a juventude só gosta da Juventude [...]** [Décima entrevistada, 52 anos, desempregada, moradora do bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos, no residencial Brisa do Lago. – Grifo nosso]

A fala desses entrevistados, bem como de outros não citados, apresenta particularidades que revelam tanto sobre as condições pessoais de cada um, como sobre a influência da praça para o estabelecimento das relações sociais, ou sua evitação. Com isso, as entrevistas corroboram o entendimento de que a condição socioeconômica é fator relevante para as relações sociais estabelecidas nesses mesmos espaços, conforme já discutido por Giddens (2008), Goffman (2010) e Netto (2014). No nosso caso, vimos que há evitação espacial pelo receio de ser associado a outro grupo social que é diferente e utiliza um espaço com frequência. Existe, portanto, uma associação

entre o espaço e seus usuários: "não vou utilizar o mesmo espaço para não ser confundido(a) com eles(as)".

4.4 Contato Restrito por atributos individuais

Como visto ao longo das outras categorias já discutidas, a restrição do contato entre grupos sociais diferenciados se materializa a partir de diversas formas nas praças estudadas, seja em preconceito ou em preferências por determinados espaços para evitar o outro. Entender as raízes dessa restrição é o objetivo principal desta categoria, uma vez que ela é intrínseca a cada entrevistado, de maneira relativamente independente de sua condição socioeconômica (como por exemplo o fato de ter uma personalidade que seja mais aberta ou não para uma interação social, ou uma rotina que dificulte esses encontros). Os resultados mostram que a restrição por atributos individuais ocorre principalmente por meio de três grupos principais de motivos: características pessoais de timidez ou introspecção, rotinas e condutas morais.

Ilustrando o primeiro caso, temos os seguintes depoimentos:

[...] eu sou o mais quieto de casa, sempre fui de ficar mais calado, a gente acostuma a não ter muito contato com quem não é nosso amigo, uma coisa é você conversar com gente sua, que vive ali com você, estuda com você, mora perto de você, outra coisa é chegar em alguém e saber que aquela pessoa é diferente e você ter um papo longo com ela [...] acho que isso só aconteceu em festas que fui lá no Bosque, no Ceci Cunha, porque estou com os amigos e aparece alguma menina e ficamos conversando, mas nem para namorar ou algo mais aconteceu [Décimo sétimo entrevistado, 18 anos, Estudante, morador do bairro Olho D'Água dos Cazuzinhos – Grifo nosso]

[...] Olha, se eu não tenho muito conhecimento com alguém, eu não vou ficar puxando papo, porque incomoda demais, eu já sou muito na minha quando alguém fala, agora eu falar [...] É ruim demais você falar com alguém e a pessoa nem te responder [...] nunca aconteceu comigo, mas é porque eu não mexo com ninguém [...] [Trigésimo novo entrevistado, 22 anos, estudante, morador do bairro Zélia Barbosa – Grifo nosso]

A rotina é muito corrida, chegar aqui e conversar horas e horas, além das pausas que precisamos, não é muito comum [...] por exemplo, estou em meu horário de folga e quando dá, irei aproveitar para conversar com alguém conhecido ou resolver mais pendências, **então, é uma coisa mais minha de não querer conversar com outras pessoas e aproveitar o meu tempo só ou com um conhecido [...]** sim, e ainda tem todo o conjunto da conversa, da pessoa, o que falar [...], então é mais fácil evitar [...] [Vigésima sétima entrevistada, 36 anos, Advogada, residente no bairro Baixão – Grifo nosso]

Alguns entrevistados, tanto do gênero feminino como masculino, classificaram suas rotinas de permanência nas praças como responsáveis pela restrição do contato com outros usuários, deixando claro que não se trata de aversão a um grupo social específico, apenas a incompatibilidade de horários. De acordo com Giddens (2008), os padrões típicos de movimento de indivíduos podem ser representados como a repetição das atividades de rotina através dos dias ou de períodos mais longos de tempo-espaço.

Além disso, as condutas morais também aparecem com definidoras de algumas relações e influenciam diretamente nas restrições. As falas abaixo reforçam o entendimento de Goffman (2010), segundo o qual só há algum estabelecimento de relação social a partir do posicionamento dos indivíduos, dentro de um espaço social de categorias e vínculos simbólicos. No presente caso, evidencia-se que as

regras simbólicas das mulheres buscam restringir o contato com os homens, porque a imagem que elas podem passar ao iniciar um engajamento pode ser percebida de forma negativa.

[...] Se for algo necessário eu falo, se não, eu não sou muito de conversar com quem não conheço **porque não é legal uma mulher conversar com qualquer um assim, se for com homem**, principalmente [...] [Quinta entrevistada, 37 anos, auxiliar de enfermagem, moradora do bairro Primavera. Grifo nosso].

[...] **eu converso, mas eu evito conversar porque eu paro aqui para comer e é muito rápido, se eu for falar com alguém vai atrapalhar o lanche e vou demorar, vou me atrasar, aí já viu** [...] se for homem eu nem dou ousadia, **porque se sorrir aqui o pessoal já pensa que a pessoa quer algo e eu tenho marido** [...] [Oitava entrevistada, 28 anos, recepcionista, moradora do bairro Padre Antônio de Lima. Grifos nossos].

O posicionamento adotado por esses entrevistados para justificar a falta de contato com outros presentes segue o que já foi discutido ao longo deste trabalho. No que concerne às rotinas rápidas que se conformam nas praças e impedem o estabelecimento de algum contato, entendemos que muitas das condutas cotidianas não são diretamente motivadas, mas ocorrem como um fluxo de ação não intencional, fato já destacado por Giddens (2008). A rotina e as regras morais aparecem, nessa situação, como fortes influenciadoras das relações, porque se manifestam como pontes para a restrição. Por fim, ao longo dessa categoria percebemos que a restrição do contato se instala nas praças estudadas por motivos não exclusivos aos aspectos socioeconômicos, apesar de ser a principal manifestação. Aparece como intrínseca a construção social e cultural de cada participante, relacionando-se, dessa forma, com as praças de que cada um se apropria.

5. Considerações Finais

Neste estudo, analisamos restrições aos contatos sociais entre grupos sociais distintos em duas praças de Arapiraca, Alagoas. Das entrevistas, emergiram três tipos de mecanismos associados a essas restrições: morfológicos, socioeconômicos e individuais.

A restrição por atributos morfológicos revelou-se a menos determinante no contexto das praças analisadas, a julgar pelos depoimentos dados pelos entrevistados. Isso provavelmente se deve ao fato de se localizarem em áreas bem integradas no tecido da cidade, com fácil acesso a diferentes grupos sociais e com boa diversidade de usos que atraem e reforçam a presença desses grupos no local. O que encontramos em uma das praças foi uma área de baixa visibilidade que acabava desincentivando alguns grupos sociais a utilizá-la, gerando uma espécie de microssegregação. De maneira geral, entretanto, as praças estudadas são espaços pequenos e altamente permeáveis, cujos desenhos, a princípio, não se mostraram responsáveis por restrições significativas nas relações entre membros desses grupos. Ao contrário, criaram condições para a copresença e o cruzamento espacial entre eles, o que ficou evidente pela profusão de relatos sobre contatos efetivamente estabelecidos entre membros de grupos diferentes. Isso ressalta a importância da copresença, reforçada pela recorrência proporcionada pelas rotinas diárias dos usuários, como condição fundamental para relações mais aprofundadas, como de fato apareceram nas entrevistas (conversas, flertes, namoros, solicitações de emprego, entre outros).

Já a restrição por atributos socioeconômicos mostrou-se mais relevante e apareceu com mais força nas falas dos entrevistados, indicando que o potencial da copresença muitas vezes pode ser minimizado ou mesmo neutralizado pela ausência de predisposição ao contato ocasionada por condições não espaciais ou morfológicas. Esse tipo de restrição ocorreu em, pelo menos, dois contextos diferentes em ambas as praças. O primeiro diz respeito aos perfis homogêneos que, mesmo



apresentando condições semelhantes, e até mesmo vivendo em proximidade nos conjuntos habitacionais, não estabelecem relações entre si; pelo contrário, não se reconhecem ou se evitam. O segundo concerne as pessoas que possuem maiores rendas e que não se sentem à vontade em manter contato com outros usuários da praça, devido ao seu estereótipo. Nesses casos, o espaço influencia apenas de modo indireto, por meio do estigma que morar em determinados locais da cidade traz a seus residentes.

O terceiro modo de restrição, por atributos individuais, demonstrou que a construção social e cultural das pessoas entrevistadas é motivo determinante na restrição do contato, pelo fato de colocar as regras e condutas morais em primeiro plano. Nesse caso, a capacidade do espaço também é limitada, ainda que continue essencial a sua capacidade de aproximar pessoas diferentes. Mesmo que os estereótipos continuem ativos e influenciando comportamentos de evitação, a proximidade física e a copresença podem ser pelo menos um primeiro passo para desconstruí-los, conforme nos mostra Rasse (2015). Afinal, como nos diz Goffman (2010), a copresença por si só torna uma pessoa acessível a outra, no sentido de estabelecer uma comunicação entre ambas, mesmo que não verbal ou consciente. No caso específico deste estudo, relações mais duradouras do que um encontro casual na praça nasceram dessa copresença e, ainda que não tenham ido adiante, podem ter contribuído para desfazer preconceitos e equívocos de interpretação pré-existentes.

As rotinas sociais também aparecem como pontes para as relações sociais, reforçando os achados de Cattel (2008), à medida em que as urgências cotidianas colocam os indivíduos em constante movimento, que age como intermediador entre possibilidades de contato e restrição. Para além desses fatores, as praças agenciam o contato, mas os interesses comportamentais, engendrados em concepções sociais, econômicas e culturais dos usuários, fazem diferença no estabelecimento de uma relação, ou em sua restrição.

6. Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa de mestrado que financiou parcialmente o estudo aqui desenvolvido, bem como aos (às) pareceristas da primeira versão deste artigo, cujas observações e recomendações nos ajudaram a aprimorá-lo.

7. Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 70ª Lisboa: *Edições*, 1997.
- BURGESS, E. W. Residential Segregation in American Cities. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, The American Negro, Vol. 140, pp. 105-115, 1928.
- CALDEIRA, T. P. R. *Cidades de Muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo*. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, Edusp, 2011.
- CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v.6 (2), jul - dez, p.179-191, 2013.
- CASTELLS, M. *Questão Urbana*. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1983.
- CATTELL, V. et al. Mingling, observing, and lingering: Everyday public spaces and their implications for well-being and social relations. *Health & Place*, v. 14, n. 3, p. 544–561, 1 set. 2008.
- CUNHA, J. M. P.; JAKOB, A. A. Segregação Socioespacial e inserção no mercado de trabalho na região metropolitana de Campinas. *Rev. bras. estud. Popul*, v. .27, n.1, pp.115-139, Jan-Jun, São Paulo,



2010.

DUNCAN, O. D.; DUNCAN, B. A Methodological Analysis of Segregation Indexes. *American Sociological Review*, v. 20, n. 2, p. 210–217, 1955.

FREEMAN, L. Segregation in Social Networks. *Sociological Methods & Research*, v. 6, n. 4, May, pp. 411-429, 1978.

GIDDENS, A. *A constituição da Sociedade*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOFFMAN, E. *Comportamento em Lugares Públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010.

HARVEY, D. *A Justiça Social e a Cidade*. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.

HILLIER, B.; IIDA, S. Network effects and psychological effects: a theory of urban movement. Proceedings of the 5th Space Syntax Symposium. *Anais...* In: 5TH SPACE SYNTAX SYMPOSIUM. Delft: TU Delft, Faculty of Architecture, Section of Urban Renewal and Management, 2005.

HILLIER, B.; PENN, A.; HANSON, J.; GRAJEWSKI, T.; XU, J. Natural movement: or configuration and attraction in urban pedestrian movement. *Environment & Planning B*, v. 20, p. 29-66, 1993.

HOLANDA, Frederico de. *Brasília – cidade moderna, cidade eterna*. Brasília: FAU UnB, 2010.

IBGE. Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9662-censo-demografico-2010.html?t=destaques>. Acesso em: 09/02/2022.

KOWARICK, L. *A espoliação urbana*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

KOWARICK, L. A pesquisa sobre segregação: conceitos, métodos e medições. *Espaço & Debates*, São Paulo, SP, v. 24, n. 45, p. 87-109, jan./jul.2004.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LOJKINE, J. *O Estado Capitalista e a Questão Urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAAS, L. W.; FARIA, E. O. FERNANDES, J. L. C. Segregação Socioespacial e oferta de serviços de saúde na Região Metropolitana de Belo Horizonte em 2010. *Cad. Metrop.*, vol. 21, n.45, pp. 597-618, Mai-Agost. São Paulo, 2019.

MARAFON, G. J. Espaço Urbano: A abordagem da Escola de Chicago e da Escola Marxista. *Ciência e Natura*, Santa Maria, v.18, p. 149 - 181, 1996.

MARICATO, E. *Habitação e Cidade*. São Paulo: Atual, 1997.

MARQUES, E. Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. In: MARQUES, E. C.; TORRES, H. (Org.) *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: Senac, 2005. p.19-56.

MASSEY, D. S.; DENTON, N. A. The Dimensions of Residential Segregation. *Social Forces*, v. 67, n. 2, p. 281–315, 1988.

MCKENZIE, R. D. *The Neighborhood: A Study of local life in the city of Columbus, Ohio*. Chicago: The



University of Chicago Press, 1923.

NETTO, V. *Cidade & Sociedade: as tramas da prática e seus espaços*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PARK, R. The city: suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment. *American Journal of Sociology*, v.XX, p. 577-612, 1916.

PRIEST, N. et al. Patterns of Intergroup Contact in Public Spaces: Micro-Ecology of Segregation in Australian Communities. *Societies*, v. 4, n. 1, p. 30–44, mar. 2014.

RASSE, A. Juntos, pero no revueltos. Procesos de integración social en fronteras residenciales entre hogares de distinto nivel socioeconómico. *Revista EURE - Revista de Estudios Urbano Regionales*, v. 41, n. 122, 2015.

RIBEIRO, L. C. Q. *Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997.

RODRIGUES, A. M. Desigualdades Socioespaciais – A luta pelo direito à cidade. *Cidades*, v. 4, n. 6, p. 73-88, 2007.

ROLNIK, R. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Nobel, 1989.

SUGAI, M. I. *Segregação silenciosa: investimentos públicos e dinâmica socioespacial na área conurbada de Florianópolis (1970- 2000)*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

VARGAS, J. H C. Apartheid brasileiro: raça e segregação residencial no Rio de Janeiro. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 48 n. 1, p.71-131, 2005

VETTER, D; MASSENA, R. Quem se apropria dos benefícios líquidos dos investimentos do Estado em infra-estrutura? Uma teoria de causação circular. In: MACHADO S. L. (Org.). *Solo Urbano: tópicos sobre o uso da terra*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1981.

VILLAÇA, F. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.



Laini de Souza Santos

Laini de Souza Santos é Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Alagoas, mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ).

Contribuição de autoria: Concepção; Análise; Coleta de dados; Metodologia; Visualização; Redação – rascunho original; Redação - revisão e edição.

Renato Tibiriçá de Saboya

Renato Tibiriçá de Saboya é Professor Associado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PósARQ) da UFSC. Foi subcoordenador (2012 a 2015) e coordenador (2016-2018) do PósARQ. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC (1997), mestrado em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001) e Doutorado em Engenharia Civil (Cadastro Técnico Multifinalitário e Gestão Territorial) pela UFSC (2007). Foi professor visitante na Oxford Brookes University em 2020. Desenvolve pesquisa na área de morfologia urbana, configuração, segregação socioespacial, uso do solo e dinâmicas urbanas. Interessa-se também por questões epistemológicas e metodológicas da pesquisa científica, em especial validade do constructo e medição. É líder do Grupo de Pesquisa “Urbanidades: Forma Urbana e Processos Socioespaciais”. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 do CNPq.

Contribuição de autoria: Concepção; Análise; Metodologia; Supervisão; Redação - revisão e edição.

Como citar: SANTOS, L. S.; SABOYA, R. T.. Copresença e interação em espaços públicos em Arapiraca, Alagoas: a restrição do contato entre indivíduos de grupos sociais diferentes. Revista Paranoá.n.34, jan/jun 2023. DOI 10.18830/issn.1679-0944.n34.2023.03

Editores responsáveis: Luciana Saboia e Maria do Carmo de Lima Bezerra.

Assistente editorial responsável: Pedro Braule